

## Uma vida na Capoeira Regional

os seguidores da escola de Bimba

Hellio Campos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

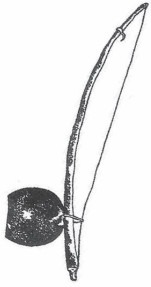
CAMPOS, H. Uma vida na Capoeira Regional: os seguidores da escola de Bimba. In: *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 270-285. ISBN 978-85-232-1727-3. Available from: doi: [10.7476/9788523217273.0022](https://doi.org/10.7476/9788523217273.0022). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/p65hq/epub/campos-9788523217273.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Uma vida na Capoeira  
Regional: os seguidores da  
escola de Bimba



Mestre Bimba sempre despertou nos seus discípulos um interesse ímpar pela capoeira, cultura e arte. Durante o curso de Capoeira Regional, seus alunos eram estimulados subliminarmente a colaborar com o desenvolvimento, ensino e até mesmo com a expansão dessa arte e luta. Cada aluno participava dentro dos seus limites, do seu potencial e da sua liberdade de conhecimento e expressão.

O engajamento do aluno na Capoeira Regional suscitava uma certa necessidade de mostrar os conhecimentos adquiridos na capoeiragem, aonde quer que fosse: aos companheiros de rua, aos colegas de escola e universidade. Era um desejo íntimo de poder apresentar e compartilhar com as pessoas o seu progresso dentro da arte de capoeirar. Uma satisfação única de ensinar para os colegas as manhas da capoeira, mas, sobretudo, de vivenciar as manifestações da cultura baiana.

Nos meus estudos tenho encontrado evidências de que os alunos de Mestre Bimba sempre contribuíram para a sistematização da Capoeira Regional. Essas contribuições se distinguem pela época e conjuntura em que aparecem no cenário e a maneira com que Bimba e seus alunos as incorporaram.

Esdras Santos, em seu livro “**Conversando sobre capoeira**”, revela com propriedade essas contribuições, fazendo uma rápida cronologia, inclusive dividindo em fases que nomeia de Inicial ou de Criação (de 1930 a 1937); a segunda, ou de Consolidação (1938 a 1966); e a terceira, ou de Propagação (1967 a 1973). Nessas etapas cita alguns dos alunos de Mestre Bimba que se destacaram pela presença marcante na academia e a favor da construção da Capoeira Regional (1996, p. 37).

Esdras M. Santos (Damião) avulta na fase inicial José Cisnando, Ruy Gouveia e Decanio. Na de consolidação chama a atenção para os irmãos Achilles e Bolívar Gadelha e mais Ângelo Decanio, ao qual intitula “uma espécime indígena do ‘Jack of all trades’ (*pau pra toda obra*)”.

Na etapa de propagação, ele continua reportando-se sobre a contribuição de Ângelo Decanio e acrescenta novos nomes como os de Raimundo César Alves de Almeida (Itapoan), Jair Moura (Jair Pinico), José Carlos Andrade Bittencout (Vermelho), Eziquiel Martins Marinho (Carneiro), Edvaldo Carneiro e Silva (Camisa Roxa), Eraldo Dias Moura Costa (Medicina), Ubirajara Guimarães Almeida (Acordeon), Gil dos Prazeres Souza (Gia), Dielson Oliveira (Salário Mínimo), José Valmório de Lacerda (Bolão), Franklin Vieira (Alegria), Ney

Miranda (Miranda), Almir Ferreira da Silva (Escurinho), Raimundo Oto (Piloto), José Bispo Correia (Pombo de Ouro), Renato Silva (Sariguê), Josevaldo Lima de Jesus (Sacy), Airton Neves Moura (Onça), José Raimundo Borges de Azevedo (Filhote de Onça), Boaventura Batista Sampaio (Boinha), Luciano José Costa Figueiredo (Galo), Helio José B. Carneiro de Campos (Xaréu), Roberto Fernando Diez (Prego), Fernando Vasconcelos (Arara), Jorge Valente (Volta Grande), Gilson Sacramento (Macaco), Augusto Salvador Brito (Canhão).

Certamente, muitos outros alunos deixaram as suas marcas, suas colaborações e fizeram acontecer a capoeira em suas vidas. Como disse Arara, “A Capoeira é minha vida, tem tudo a ver comigo, faz parte da minha vida”<sup>1</sup>.

Aqui homenagearemos alguns desses líderes da capoeiragem Regional, reproduzindo as ações e fatos concernentes ao caráter de cada personalidade, e considerando, acima de tudo, que o homem é também agente de mudança, sujeito da sua vida e integrante da sociedade em que vive.

Para Bastos, o homem constrói sua vida na história, contudo sua criação não só é pessoal, mas também social, em interação com outros homens; o homem é de seu tempo, porém pode transcendê-lo (2002, p. 38). Essa característica que potencialmente é comum a todos os homens, manifesta-se de forma peculiar naqueles que por vocação têm a disposição para construir algo novo.

Compõe o grupo formado por Mestre Bimba alguns de seus seguidores que marcaram de certa forma a aprendizagem e o desenvolvimento da Capoeira Regional, dando continuidade ao trabalho pioneiro do mestre.

Escolher entre os alunos seguidores de Bimba não foi uma tarefa fácil, tivemos que estabelecer alguns critérios: a) anos de atividade capoeirísticas; b) dedicação ao ensino; c) produção literária; d) participação em eventos nacionais e internacionais; e) contribuição científica; e f) ser um divulgador incansável das tradições da Capoeira Regional. A nossa escolha recaiu então sobre os mestres Eziquiel, Itapoan, Pavão, Decanio, Acordeon e Senna.

## MESTRE EZIQUIEL

Eziquiel Martins Marinho, conhecido na Capoeira como Mestre Eziquiel, nasceu em 18 de outubro de 1941, em São Gonçalo dos Campos, Bahia, e pertenceu à Polícia Militar, onde ministrou aulas de Capoeira.

Começou a aprender capoeira apreciando as rodas de rua e as famosas festas populares de Salvador, como Bimba sempre dizia, aprendeu de “oitiva”, imitando outros capoeiristas. Foi aluno do Mestre Sacy, na Academia dos Oficiais da PM, que oficialmente funcionava no Quartel dos Dendezeiros, em Itapagipe.

Em meados da década de 1960, foi levado pelo Mestre Sacy para a academia de Mestre Bimba, chegando motivado, bem desenvolvido nos movimentos, demonstrando talento e gosto pela arte. Rapidamente se formou, fazendo par com Luciano Figueiredo (Galo), merecendo o “lenço azul”, graduação dos alunos formados. Logo se entusiasmou pela capoeira

como esporte, participando dos campeonatos baiano e, mais tarde, sagrou-se bi-campeão brasileiro, em 1976 e 1977, na cidade do Rio de Janeiro, recebendo nessa oportunidade o “Troféu de Melhor Ginga”.

Na roda de capoeira, apresentava um jogo bastante singular, tinha uma ginga descontraída com movimentos soltos, elásticos e de rara leveza. Esses atributos o levaram a participar dos grupos Folclóricos Olodum e Olodumaré, nos quais teve o privilégio de representar a Bahia e o Brasil em dois importantes eventos: o Festival Internacional de Folclore, em Salta, na Argentina obtendo a medalha de ouro, e em Quito, no Equador. Nessas oportunidades, o grupo sagrou-se campeão de folclore, recebendo honrosamente a premiação “Huminaua de Oro”.

Eziquiel participou como convidado especial do Grupo Folclórico da Escola de Veterinária da Universidade Federal da Bahia (UFBA), fazendo apresentações na Festa do Peão de Boiadeiros, em Barretos, São Paulo, em 1971, sagrando-se campeão. Integrou também o elenco do “Capoarte”, da Ginga Associação de Capoeira, no Teatro Boa Vista, na cidade de Salvador, em 1986.

Na capoeira esporte, participou como jurado em diversas edições dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBS), a exemplo de Campo Grande, MS; São Luiz, MA; Brasília, DF; e dos Jogos da Juventude em João Pessoa, PB.

Grande incentivador da capoeira esporte, muito contribuiu com suas idéias em discussões na Federação Baiana de Pugilismo e na Federação Baiana de Capoeira; realizou competições na própria academia e participou, como jurado e organizador, em vários eventos dessa natureza na Bahia.

Inquieto e trabalhando sobremaneira pela Capoeira Regional, fundou o Grupo Luanda, cuja temática principal era preservar a metodologia utilizada por Mestre Bimba; sempre realizava os batizados, exames e formaturas aos moldes do seu mestre.

Eziquiel era o que podíamos chamar de um mestre perfeito: dominava como ninguém a arte do canto, tinha um timbre de voz exclusivo, que se encaixava bem nas cantigas da capoeira. Compôs inúmeras músicas, gravou um disco pelo Programa Nacional de Capoeira e participou como convidado especial de dois CD's: o primeiro, da Associação Brasileira dos Professores de Capoeira (ABPC), em 1994, e o segundo, do Mestre Jelon, em Nova York.

Constantemente era solicitado para ministrar cursos, participar de batizados, formaturas e workshops no Brasil e no exterior. Era requisitado também para animar as rodas de capoeira, puxando o canto, tocando berimbau e regendo a orquestra, atividades que desempenhava com dedicação e alegria.

Vale ressaltar que ele tinha um excelente trânsito tanto na Capoeira Regional como na Capoeira Angola, por ser uma pessoa muito querida e sempre disposta a colaborar com qualquer roda.

Eziquiel, o “Jiquié”, foi jogar capoeira em “outras rodas”. Faleceu precocemente, no dia 26 de março de 1997, e no seu enterro amigos, alunos e capoeiristas realizaram uma roda de capoeira de despedida cantando músicas de sua autoria.

## MESTRE ITAPOAN

Raimundo César Alves de Almeida, conhecido na Capoeira Regional pelo nome de guerra Itapoan, em decorrência de morar no bairro de Itapuã, balneário inspirador do famoso cantor Dorival Caymmi, que fica bem distante do centro da cidade. “Fominha”, chegava cedo, pontualmente para as aulas de capoeira.

Nasceu em 13 de agosto de 1947, em Salvador, Bahia, no bairro de Quintas, rua Gonçalo Muniz. Filho de Erasmo de Almeida e Terezinha Alves de Almeida, irmão de Fernando Alves de Almeida e Erasmo de Almeida Júnior. Casado com Maria das Graças de C. S. Almeida, tem três filhos, Lucas, Érica e Pedro.

Seu pai, funcionário da Petrobrás, trabalhou no Rio Grande do Norte durante o período de 1953 a 1955, depois foi transferido para Maceió (AL), permanecendo nesta cidade até 1962.

Morador de Itapuã, bairro de lindas praias, de areia branca, água morna, vastos coqueirais e de uma encantada lagoa escura, Lagoa do Abaeté, onde os seresteiros em noite de lua cantavam os seus amores. Itapoan assim conta como a capoeira entrou na sua vida.

Um dia pedi dinheiro a minha mãe para me matricular em uma academia de judô. Foi aí que um primo meu, Bôsko, me chamou para assistir uma aula de Capoeira. Eu nunca tinha ouvido falar em Capoeira nem sabia o que era. Ele me deu o endereço e eu fui. Falou Academia do Mestre Bimba, no Maciel e eu, como não conhecia muito bem aqueles lados, fui parar no Pelourinho, na Academia do Mestre Pastinha. Entrei e perguntei a um capoeirista que lá se encontrava, se ali era a Academia do Mestre Bimba. O Cara disse que sim e queria me matricular logo. Fiquei meio desconfiado e disse que voltava outro dia. Quando cheguei em casa, meu primo me perguntou por que não fui, contei a história. Então ele me disse que no outro dia me levava. Foi assim que no dia 22 de setembro de 1964 eu vi pela primeira vez o que as pessoas chamavam de Capoeira. Assisti à aula e fiquei impressionado mais ainda com a figura que comandava aquilo tudo. Com seu berimbau na mão o Mestre Bimba, um negro enorme, de olhar penetrante e riso largo, tinha ganho mais um discípulo: me matriculei com o dinheiro do Judô e nunca me arrependi! (*sic*) (Mestre Itapoan, 2005, p.91).

Itapoan sempre foi muito dedicado à capoeira. Chegava cedo à academia, treinava muito, encarava qualquer capoeirista, gozava de prestígio com os colegas, os calouros e os mais antigos. Por se dedicar exaustivamente aos treinamentos, desenvolveu um estilo próprio de jogar capoeira, apresentado uma ginga fácil, maliciosa, negaceada e golpes precisos. Entusiasta da técnica, estudava os movimentos de ataque, defesa e esquivas nos seus mínimos detalhes, porém seu fascínio era com as rasteiras, bandas e vingativas que aplicava como ninguém.

A afeição de Itapoan pela capoeira sobrepõe meramente a prática; ele estava o tempo todo perseguindo o conhecimento, investigando sobre seu objeto de curiosidade e para isso realizava longas conversas com Mestre Bimba, quando bisbilhotava sobre a vida dos capoeiristas famosos da Bahia, ouvindo atentamente as histórias contadas por Bimba. O mais incrível é que se interessava pelos acontecimentos ocorridos na academia, a trajetória dos principais capoeiristas do CCFR, participava intensamente da vida da Capoeira Regional, colecionava coisas (jornais, fotos, revistas, adereços etc.) da capoeira e já utilizava apontamentos.

Sua formatura aconteceu no dia 25 de julho de 1965; atento às recomendações do mestre, como de costume, chegou cedo para não pagar multa pelo atraso. Em 1966, participou do Curso de Especialização do qual guarda boas lembranças, especialmente das emboscadas na Chapada do Rio Vermelho. Não satisfeito, realizou integralmente o Curso de Especialização, em 1967, recebendo a “graduação” de “lenço amarelo”, conquistando definitivamente o respeito de todos.

Inquieto e cada vez mais motivado pela Capoeira Regional, continuou treinando muito, participando do Grupo Folclórico de Mestre Bimba, fazendo apresentações no Alto de Ondina (*boite* de Ondina) e no Sítio Caruano, ou seja, acompanhando Bimba onde quer que fosse.

Nesse período foi muito estimulado por Jair Moura, um aluno formado e com mais estrada de academia; historiador, cineasta e pesquisador que gozava de muita consideração de Mestre Bimba. Passou então a acompanhá-lo nas incursões às bibliotecas, realizando anotações, fotos, copiando jornais etc. Certa feita, me confidenciou: “passei a gostar de fazer pesquisa por conta do Jair, devo isso a ele”.

Com a experiência adquirida nas apresentações do Grupo Folclórico de Mestre Bimba, no qual Itapoan sempre teve uma participação marcante, alçou vôos, cada vez mais altos, chegando a vez dos grupos folclóricos baianos.

Vale registrar que na década de sessenta surgiram na Bahia excelentes grupos folclóricos e todos eles tinham como assunto principal a capoeira. Acordeon (aluno de Bimba) deu o primeiro passo, montando o show “Vem camará histórias de capoeira”, do Grupo Folclórico da Bahia. Com a participação neste grupo, Itapoan parte para novas experiências na “arte de capoeirar”, participando nas temporadas do Teatro Vila Velha, em Salvador, e do Teatro Jovem, no Rio de Janeiro, em 1966.

Tomando gosto pelo palco, passou a integrar, em 1971, o Grupo Olodum no espetáculo “Luanda silé, perturbações de exu”, premiado no 1º Festival Internacional, na Argentina, e “Diabruras da Bahia”, com o qual visitou as principais cidades do nordeste brasileiro.

Desassossegado por natureza, integrou ainda o elenco dos grupos folclóricos do Colégio Estadual Manuel Devoto, em 1968, fazendo várias apresentações em colégios e nas Olimpíadas Baianas da Primavera; e o Grupo Princesa de Ayoká, do Clube de Praia Avenida, uma agremiação fundada em 25 de março de 1964, por jovens moradores do Rio Vermelho, empreendendo viagens culturais e esportivas às cidades de Jacobina e Maceió. Ressaltamos ainda a participação no Grupo Folclórico Ganga Zuma, da Federação Universitária Baiana de Esportes (FUBE), que se apresentava principalmente nos Jogos Universitários Brasileiros, com destaque para os jogos realizados, em 1971, em Porto Alegre, uma breve temporada no Teatro São Pedro, em 1972, em Fortaleza e, em 1974, em Vitória do Espírito Santo. No Grupo Folclórico da Escola de Veterinária da UFBA fez várias apresentações no Parque de Exposições de Salvador e na Festa do Peão de Boiadeiros, em Barretos, SP, em 1971. Participou, ainda, do IIº Simpósio Brasileiro de Capoeira, patrocinado pela Academia da Força Aérea (AFA), que aconteceu no Rio de Janeiro, no período de 8 a 9 de novembro de 1969.



Neste evento, foi integrante, juntamente com Ângelo Decanio, Luciano Galo e Joseval Sacy, da comitiva de alunos formados que assessoraria Bimba. Chegando no Rio de Janeiro, não perdeu tempo e estreitou laços com capoeiristas locais visitando e participando do Grupo Senzala. Itapoan sedimentava a sua peregrinação pela Capoeira Regional, mas especificamente divulgando a capoeiragem baiana.

No contexto da Capoeira esporte, Itapoan disputou campeonatos internos da academia de Mestre Bimba, campeonatos universitários, organizados pela Federação Universitária Baiana de Esportes e a Federação Baiana de Pugilismo. Nesses eventos conquistou inúmeros títulos: Campeão do Torneio Mestre Bimba no CCFR, 1970 e 1971; Campeão Baiano Universitário (duplas e individual); e Tricampeão Baiano de Capoeira, na qualidade de técnico pela Ginga Associação de Capoeira.

Seguindo reto na trajetória de divulgação da Capoeira Regional, enveredou pela literatura, escrevendo os livros **“Bimba, perfil do mestre”**, em 1982; **“Atenilo, o relâmpago da Capoeira Regional”**, em 1988; **“Bibliografia crítica da capoeira”**, em 1993; **“A saga de Mestre Bimba”**, em 1994; e **“Capoeira: retalhos da roda”**, em 2005. Além desses trabalhos, idealizou e editou também a *Revista Negaça*, um boletim informativo da Ginga Associação de Capoeira. Já publicou dezenas de artigos para periódicos especializados e também é muito requisitado para dar entrevistas e fazer comentários sobre a arte da capoeira.

Na área acadêmica, é professor adjunto da Faculdade de Odontologia da UFBA; foi o primeiro professor da disciplina Capoeira I e Capoeira II do curso de Educação Física da Faculdade de Educação, Departamento de Educação Física da UFBA; professor do Programa de Melhoria do Ensino Nacional (PREMEN) e da Escola de Dança de Arte Integrada. É convidado especial para ministrar palestras nos Programas de Graduação e Pós-Graduação da FAGED/UFBA, UNB, UCSAL, FTC, UNIME, USP, UFP e UNEB.

É muito requisitado para participar dos mais variados eventos ligados à capoeira, no Brasil e no exterior, transitando desembaraçadamente pelos seminários, simpósios, debates, mesas redondas, batizados, formaturas, entrevistas e rodas.

Em 1972, fundou a Ginga Associação de Capoeira, juntamente comigo, Mestre Xaréu, em que desenvolvemos trabalhos culturais, educativos e esportivos, com enfoque na preservação da filosofia da Capoeira Regional e na formação de novos mestres.

Em sua caminhada, fundou, em 1980, a Associação Brasileira dos Professores de Capoeira (ABPC), estando à frente dessa associação em diversas ocasiões. Em 1984, foi o mentor principal da fundação da Federação Baiana de Capoeira (FBC), assumindo a vice-presidência na primeira gestão; hoje, pertence ao quadro do Conselho de Mestres da Confederação Brasileira de Capoeira.

Quatro anos após a morte de Mestre Bimba, Itapoan, inconformado, juntamente com Carlos Senna e Dona Alice, embarcaram para Goiânia com a finalidade de trazer para Salvador os restos mortais. Itapoan conta que eles foram para Goiânia com muitas expectativas e incertezas de como seriam recebidos pelos alunos de Bimba, pelas autoridades competentes e como seria todo o processo de exumação e traslado (1982, p. 73-75). Itapoan



fala ainda da emoção que sentiu durante a roda de despedida, o encontro amistoso com os alunos de Bimba em Goiânia e a chegada em Salvador, acompanhada de fotógrafos, alunos e da imprensa escrita e televisiva.

O esforço e as contribuições de Itapoan em favor da Capoeira Regional são inúmeros; ela, na verdade, faz parte da sua existência. É sua filosofia de vida, numa vida dedicada à capoeira e a Mestre Bimba.

Mestre Itapoan teve o seu trabalho pela capoeira reconhecido pelo Governo Brasileiro, recebendo do Ministério de Educação e Cultura (MEC) e do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1990, a maior condecoração esportiva do Brasil, a distinção do “Mérito Desportivo Nacional”.

Com quarenta e um anos praticando capoeira, fazendo o Brasil e o mundo gingar, incansável, Itapoan segue em frente no seu objetivo, produzindo junto com a Ginga Associação de Capoeira dois CD's, o primeiro intitulado “Mestre Itapoan & Grupo Ginga Capoeira 100% Regional”, uma homenagem a Mestre Bimba, e o segundo “Vem Camará!”, em comemoração aos trinta anos da Ginga.

## MESTRE PAVÃO

Eusébio Lobo da Silva (Mestre Pavão), baiano radicado em Campinas, SP, professor adjunto do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é “*Bachelor of Arts*”, pela “*Southern Illinois University at Edwardsville – SIU*”, EUA. Concluiu o mestrado em 1980 na “*The Katherine Dunham School of Arts and Research – KDSAR*”, EUA, apresentando um estudo sobre capoeira. Em 1993, finalizou seu Doutorado na Unicamp, defendendo a tese: “**Método integral da dança:** um estudo dos exercícios técnicos em dança centrado no aluno”. Mais tarde, em 2004, tornou-se Doutor Livre Docente pela Unicamp, com a tese: “**O corpo na capoeira**”.

Na vida acadêmica, Eusébio tem ministrado aulas na graduação do Instituto de Artes, e também na pós-graduação, ampliando suas funções, atuando como docente e em atividades administrativas em várias unidades acadêmicas da Unicamp e em outras universidades brasileiras. Tem orientado um sem-número de alunos nos cursos de especialização, mestrado e doutorado.

Nas funções científicas e administrativas, tem atuado como Coordenador do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes, Membro da Comissão Central de Pós-Graduação da Unicamp e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do IA.

No ensino, tem se dedicado ao bacharelado de Dança, ministrando as disciplinas AD 104 Exercícios de Técnica de Dança; e AD 417 Improvisação I. Na Pós-Graduação, está à frente das disciplinas AT 272 Atividades Orientadas I em Artes Corporais; AT 274 Atividades Orientadas III em Artes Corporais; e AT 302 Tópicos Especiais em Artes Corporais. Sua atuação universitária o tem levado a participar de bancas examinadoras de

toda natureza, assim como a apresentar trabalhos de pesquisa em seminários, colóquios científicos, simpósios, cursos e congressos, nacionais e internacionais.

As suas intervenções científicas se estendem a dezenas de publicações em periódicos nacionais, a exemplo dos Cadernos da Pós-Graduação em Artes, Revista Capoeirando da Unicamp, Jornal de Dança do Mercosul e Catálogo da Bienal SESC de Dança de Santos, sempre abordando a capoeira e a dança como temas prediletos de sua investigação.

Sua produção, técnica, artística e cultural, se distingue, não apenas pela numerosa e importante obra, mas, sobretudo, como diretor artístico, coreógrafo e dançarino, entre outras atividades.

Na produção científica se destaca como professor orientador de monografias de Cursos de Especialização, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado e no Programa de Iniciação Científica, onde encontramos uma gama enorme de trabalhos relacionados com a capoeira no seu sentido mais original e criativo. Podemos destacar ainda sua participação em atividades de extensão e bancas diversas, que transitam pela seleção de professores, concursos públicos, qualificação e defesa de mestrado e doutorado, na Unicamp e em outras universidades brasileiras.

Aluno formado na Capoeira Regional pela academia de Mestre Bimba, em 1972, teve sua festa de formatura realizada em Mataripe, BA. Sobre sua vida, Eusébio diz: “foi com a capoeira, no início, no fundo do quintal e na porta de casa, com meu primeiro mestre, Lupa do Garcia, que comecei a ler o mundo”<sup>2</sup>. Diz ainda que muitas pessoas não o compreendem muito bem, chegam mesmo a confundir, pensando ser ele apenas um dançarino ou mesmo um dançarino capoeirista. E faz a sua interpretação, vislumbrando a sua imagem e sentimento, ao afirmar: “sempre me senti um capoeirista que joga, luta e dança, como é a própria natureza da capoeira, que ginga na vida”<sup>3</sup>.

Gingando sempre, descobrindo seu corpo no gingado é que Eusébio ingressa no Grupo Folclórico Balú, no Grupo Oxum e, na sequência, é convidado para participar do Grupo de Dança Contemporânea da Escola de Dança da UFBA. Uma experiência nova, mas ele não tem medo dos desafios, pois a Capoeira lhe traz segurança, “portanto não tem medo do mundo”<sup>4</sup>.

A coragem se afirma no seu íntimo, então Eusébio toma uma decisão, abandona, no ano da formatura, o Curso de Licenciatura em Ciências e ingressa na Escola de Dança da UFBA; neste momento só interessava a carreira.

No Grupo da UFBA, tem sua primeira experiência internacional, representando o Brasil no IIº Festival Mundial de Arte e Cultura Negra na África: enriquece sua cultura e amplia sua visão de mundo.

As portas se abriam, a capoeira era a mola mestra que o levou a ser contratado como dançarino profissional da Escola de Dança da UFBA: o auge, o grau máximo para um aluno do curso de dança.

Foi convidado pelo cônsul brasileiro, Raul de Smandeck, um cineasta dedicado à capoeira, a ser um dos personagens dos seus filmes, que foram enviados a vários países do

mundo, no intuito de divulgar a cultura brasileira. Um desses filmes foi parar nas mãos da antropóloga, bailarina, coreógrafa e considerada a promotora da dança negra nos Estados Unidos, Katherine Dunham. Ela gostou do artista/capoeira que viu e o convidou para fazer um intercâmbio cultural pelo qual Eusébio ensinaria capoeira e aprenderia dança moderna americana.

Eusébio não titubeou e partiu para a nova experiência; morou nos Estados Unidos da América, estudou dança na Universidade do Sul de Illinois e ministrou aulas de capoeira e danças brasileiras. O seu esforço, talento e determinação foram os pontos positivos que o fizeram galgar um cobiçado posto, um lugar na Galeria de Dançarinos Dunham e ser reconhecido entre as cinco pessoas do mundo a obter o grau de mestre na Técnica Dunham.

A sua estada nos Estados Unidos o levou juntamente com a Cia. de Dança de Dunham a se apresentar no importante Teatro de Nova York, o Carnegie Hall; depois vieram os shows na Broadway. Vale salientar o apoio e a convivência irmanada dos amigos capoeiristas, os baianos Jelon Vieira e Loremil Machado.

## MESTRE DECANIO

Angelo Augusto Decanio Filho, atualmente com 83 anos, é o aluno mais antigo de Mestre Bimba em atividade. Ingressou no Centro de Cultura Física Regional, em 1938, com a finalidade de aprender a jogar capoeira, ainda como estudante de medicina da Faculdade de Medicina da Bahia, permanecendo versado na Capoeira Regional até a presente data.

Nos idos de 1966, já aluno de Bimba, eu ouvia falar muito de Decanio, ou seja, um dos alunos mais afamados da Capoeira Regional, não apenas pelo seu porte de jogo, por ser um “cobra” na arte da capoeiragem, mas principalmente por ser um médico famoso, um estudioso da capoeira, faixa preta de judô, apreciador de vários outros esportes e médico particular do mestre.

Certa feita, eu, calouro recém-chegado ao CCFR, presenciei a entrada gloriosa de Decanio na academia. Naquele momento, todos os presentes viraram suas atenções para o capoeirista, que, aos seus 43 anos, parecia “velho” para todos nós, jovens iniciantes. Decanio chegou para treinar! Apresentava ótima forma física condizente com seu aspecto esportivo, desenvolto, falante e gozando da atenção humorada de Bimba. Foi um reboição, muita expectativa pela roda e jogo de Iúna.

Fiquei atento, não tirei os olhos de Decanio. Nos meus 19 anos nunca vira um médico jogar capoeira; ali estava um e um dos bons. Decanio fez a sequência e depois foi para a roda, jogar no toque do São Bento Grande. Jogou com Onça, um jogo *pra pirão* no dito popular. Pude perceber claramente por que Decanio era famoso: demonstrou naquele jogo desenvoltura, habilidade, malícia, mandinga, experiência e sabedoria, tudo que um bom capoeirista pode ter. Fiquei impressionado, mais ainda, quando amigavelmente conversou longamente com o mestre e mãe Alice.

Decanio é médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia na década de 1930, casado com Maria Isabel Pereira. Decanio é professor universitário, capoeirista e aluno destacado de Mestre Bimba.

Nas atividades da medicina, exerceu atribuições, a exemplo de Chefe de Clínica Cirúrgica do Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, professor de Anatomia Humana da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Professor Titular de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental da EBMSP, Professor Titular de Clínica Cirúrgica da EBMSP, Cirurgião do Hospital Santo Antonio das Obras Sociais de Irmã Dulce, Fundador do Capítulo Brasileiro da Sociedade Internacional de Angiologia, Graduado em Medicina do Trabalho pela EBMSP, Especialista em Perícia Médica do INSS, professor de Acupuntura da União dos Profissionais em Acupuntura do Brasil, apenas para citar algumas das suas ações na área da medicina, que são inúmeras.

Vale ressaltar que Decanio sempre teve uma atuação destacada como profissional da medicina, não apenas por ser considerado um cirurgião de mão-cheia, mas, sobretudo, por participar de várias pesquisas, atuar como conferencista de seminários, congressos e simpósios, nacionais e internacionais.

Em paralelo ao sucesso na medicina, ele também é detentor de um vasto currículo na área esportiva, com relevo especial para a capoeira, conquistando no CCFR o grau máximo na Capoeira Regional: o “lenço branco” de contramestre de Mestre Bimba. O “lenço branco” era uma insígnia honorífica que Mestre Bimba outorgava aos alunos de maior destaque na academia, em especial àqueles que comprovadamente contribuíram para a propagação da Capoeira Regional.

Extrapolando a figura do capoeirista vigoroso e destemido, Decanio assumia outras atribuições na Capoeira Regional: orientar Bimba quanto à organização administrativa, orador oficial, empresário e promotor de shows.

Sua contribuição para a capoeira como um todo não pára aí. Sempre muito requisitado para participar dos mais variados eventos capoeirísticos, no Brasil e no exterior, aliado ao vasto conhecimento cultural e trânsito livre com os mestres, é muito respeitado, tanto na Capoeira Regional como na Capoeira Angola.

Na literatura específica escreveu a “**Herança de mestre Bimba: filosofia e lógica africanas da capoeira**”, da Coleção São Salomão, com prefácio de Jorge Amado; um livro único, completo, escrito no balançar do corpo, no flunar da mente, gingando com os fatos, lições e palavras, apresentado poeticamente ao leitor, sendo considerado pelos estudiosos do assunto uma referência. Publicou uma outra pérola, “**A herança de mestre Pastinha**”, uma obra escrita e fundamentada em duas fontes: a primeira, passada para ele por seu amigo Carybé<sup>5</sup>, que lhe confiou os documentos com que fora apresentado por Mestre Pastinha, um quadro a óleo sobre tela “Roda de Capoeira” e uma série de apontamentos em folhas soltas. A segunda, o Caderno e Álbum do Centro Esportivo de Capoeira Angola, cedido por Wilson Lins<sup>6</sup>, amigo particular de Mestre Pastinha que lhe havia confiado o documento para publicação.

Sua contribuição literária não pára por aí: ele tem se destacado através de diversas outras publicações, em boletins, jornais, sites, revistas especializadas, por vezes apresentando temas originais e polêmicos, a exemplo do artigo “Transe capoeirano: estado de consciência modificado na capoeira” publicado pela “**Revista da Bahia**” da Editora Gráfica da Bahia em 2001.

No prefácio do livro “**A herança de mestre Pastinha**”, Itapoan salienta que o trabalho de Decanio “é de uma felicidade tamanha que tenho a certeza vai colocar a cabeça de muitos capoeiristas em ebulição, os obrigando a uma nova leitura da verdadeira Capoeira Angola”.

Decanio soube revelar de maneira singular os manuscritos de Pastinha (“Quando as pernas fazem miserê”), o que deu realce e valorizou os originais, estimulando o leitor a um melhor entendimento, novas interpretações da filosofia, uma visão realística da essência da Capoeira Angola e de seu guardião.

Participou como representante da Federação Baiana de Pugilismo, juntamente com Mestre Bimba do 1º Simpósio Nacional de Capoeira, em 1968 e do 2º Congresso Brasileiro de Capoeira na Academia da Força Aérea (AFA), no Rio de Janeiro; como autor do Projeto de Regulamentação da Capoeira para a Confederação Brasileira de Pugilismo, com o objetivo de tornar a Capoeira reconhecida como esporte.

Decanio é hoje muito requisitado pelos grupos de capoeira brasileiros para ministrar palestras, enfocando principalmente a sua história vivida ao lado de Mestre Bimba, o que faz com muita propriedade, contagiando sobremaneira os assistentes. Não são raras as vezes que extrapola, passeando pela temática com tranquilidade e abordando os entrelaces da capoeira com a cultura, a história e a medicina.

## MESTRE ACORDEON

Ubirajara Guimarães Almeida, conhecido na capoeira pelo nome de guerra de Acordeon, é natural de Salvador, Bahia. Nasceu em 1943, entrou na academia de Mestre Bimba para aprender capoeira na década de 1950. Um dos alunos formados mais conceituados da Capoeira Regional, é reconhecido pelo seu vigor físico e pelo jogo virtuoso, forte, ágil e objetivo.

É na verdade uma figura singular da capoeiragem baiana, porque sua trajetória é marcada pelo envolvimento por completo, de corpo e alma, nesta arte-luta. Desde cedo vislumbrou a capoeira como uma atividade muito maior do que simplesmente luta e troca de golpes, o que fazia muito bem, mas pensava além, pensava na capoeira como negócio, ensino, cultura, arte e fonte de pesquisa.

Em 1964, fundou uma academia no fundo de sua residência em Boa Vista de Brotas e rapidamente conquistou muitos alunos que foram em busca de algo diferente na capoeira, um aprendizado fundamentado no jogo duro, na exigência da boa forma física e valorizada pela música e arte.

Bira Acordeon, como também é conhecido, sempre se destacou pelo seu senso empreendedor: em 1964, fundou o Grupo Folclórico da Bahia e organizou o show *Luanda Silé*; posteriormente, em 1966, lança o espetáculo *Vem Camará: histórias de Capoeira*, inicialmente apresentando-se no Teatro Vila Velha, mas, devido ao grande sucesso, rumou para uma série de apresentações na cidade do Rio de Janeiro, com shows agendados para o Teatro Jovem, localizado no bairro de Botafogo. Devido à enorme aceitação do público carioca, o grupo retornou ao Rio, em 1967, para outra temporada. Vale ressaltar que essas apresentações não se restringiram apenas ao teatro, pois o grupo teve oportunidade de se exibir em programas de televisão e clubes sociais, o que popularizou o show folclórico e em especial a capoeira.

Acordeon, como um bom aluno de Bimba, queria ver a Capoeira Regional expandida e conquistando novos espaços. Em 1968, a exemplo de outros, fundou o Grupo Folclórico da Politécnica, dessa maneira levando a capoeira para o seio de importante instituição universitária baiana.

Nesse período, Acordeon participou das Olimpíadas Baianas da Primavera, em várias modalidades esportivas, destacando-se no atletismo. Lembro que durante o desfile de abertura no Estádio Otavio Mangabeira (Fonte Nova), Bira deu um show à parte, mostrando toda sua habilidade capoeirística e impressionando a todos os presentes com seus saltos mortais. Decretava aí a inclusão da capoeira nos eventos esportivos.

Na qualidade de atleta, sempre afeito à prática esportiva, participou do Iº Troféu Brasil de Capoeira, que foi realizado em São Paulo, em 1975, defendendo as cores da Bahia. Novamente volta às competições, durante o Campeonato Brasileiro, em 1976, sediado no Rio de Janeiro, onde sagrou-se campeão na categoria peso pesado, sendo escolhido na oportunidade como o mais completo capoeirista, o melhor do campeonato.

Em 1977, integrando a equipe da Ginga Associação de Capoeira, sagra-se Campeão Baiano de Capoeira, em competição organizada pelo Departamento de Capoeira da Federação Baiana de Pugilismo, numa época de afirmação da capoeira como esporte.

Mestre Acordeon é administrador formado pela UFBA, homem bem-sucedido junto ao empresariado baiano, todavia seu olhar estava para as novas possibilidades da capoeira e com seu espírito irrequieto e aventureiro resolveu voar, tentar novas experiências e a capoeira era o seu trunfo, sua ferramenta para a felicidade.

Em 1978, viajou para os Estados Unidos da América, estabelecendo-se na Califórnia, precisamente em São Francisco, onde montou academia, fundou o Grupo Musical Corpo Santo e como bom músico passou a se apresentar em shows em casas noturnas.

Acordeon não parou por aí, como bom professor e com a experiência adquirida quando docente da Escola de Administração da Tabaco, elaborou projetos de extensão junto com universidades americanas e levou decisivamente a capoeira para o meio universitário americano.

O seu bom conceito no meio capoeirístico não se deve apenas por jogar bem capoeira, pela virilidade do seu jogo, pela energia na roda, mas, sobretudo, por ser um pesquisador



nato, um grande conhecedor da arte da capoeira, de promover a capoeira e as manifestações culturais baianas.

As contribuições na esfera da capoeira são inúmeras: além de palestrante convidado para os principais seminários e congressos, no Brasil e no exterior, escreveu dois livros: “**Capoeira a brazilian art form: history, philosophy, and practice**”, em 1986, e “**Água de beber, camará!: um bate-papo de capoeira**”, em 1999. Não parou nisso, e gerou sete CD rooms de músicas de capoeira, a maioria de sua autoria. Ainda na área da literatura, tem escrito artigos e realizado entrevistas em muitas revistas especializadas.

Para Nestor Capoeira<sup>7</sup>, “Bira Acordeon influenciou toda uma geração de capoeiristas e principalmente serviu de exemplo para encorajar outros mestres de capoeira a divulgarem a capoeira no Brasil e no exterior”. Corroboro com Nestor, acrescentando que esta influência extrapola simplesmente a idéia de divulgar a capoeira, ela toma uma outra dimensão, a de sobrevivência, de trabalhar como um profissional da capoeira no Brasil e no exterior.

## MESTRE SENNA

Carlos Senna nasceu em 28 de outubro de 1931, na cidade de Salvador, Bahia. Foi reservista de 1º categoria da Base Aérea de Salvador, formou-se em contabilidade pela Fundação Visconde de Cayrú, na Faculdade de Ciências Humanas. Iniciou sua caminhada na capoeira em 1949, pelas mãos do *Mestríssimo Mestre Bimba*, como gostava de citar em qualquer lugar que estivesse. Aluno muito aplicado, logrou sua formatura na Capoeira Regional em 1950 e era também chamado de Senna Preto.

Em 1953, teve o privilégio de ser escolhido para fazer parte do grupo e de ter participado da memorável turma do Mestre Bimba que fez uma demonstração de Capoeira Regional para o então Presidente da República, Getúlio Vargas, no Palácio da Aclamação, sendo governador da Bahia, na ocasião, o Dr. Régis Pacheco.

Como gozava da confiança de Mestre Bimba, assumiu a função de Diretor Técnico do CCFR, em 1954. Todavia, essa atribuição não foi duradoura, visto que, em 25 de outubro de 1955, fundou o Centro de Pesquisa, Estudo e Instrução Senavox, o que causou um mal-estar entre ele e Bimba, com sérios reflexos para os companheiros da Capoeira Regional.

Essa ousadia de fundar uma outra escola de capoeira, uma suposta concorrente da escola de Mestre Bimba, lhe trouxe sérios problemas de convivência no meio capoeirístico baiano, em particular com os alunos de Mestre Bimba, os quais não aceitavam de bom grado essa situação e por isso sempre ocorriam escaramuças em encontros de capoeira.

O Centro Senavox tinha como atividade precípua o ensino da capoeira estilizada baiana nos seus conhecimentos da Capoeira Regional e diferenciada na forma, no intuito claro de mostrar à comunidade capoeirística que tinha vida própria, por isso mesmo o termo Senavox representa a voz de Senna.

Pesquisador desassossegado, investigou e introduziu o uso do Abadá, um traje para os capoeiristas, baseado nos utilizados pelos carroceiros, estivadores e trapicheiros. Criou



também uma saudação específica pela qual o capoeirista colocava a palma da mão direita no peito, na altura do coração e pronunciava a palavra Salve, ao tempo em que fazia um gesto suave de cumprimento ao companheiro de jogo.

A academia Senavox se estabeleceu na Rua Senador Costa Pinto, 802, Ed. Iria, subloja FJ, no centro da cidade. Esse local sede da Senavox foi palco de muitas aulas, experimentações de capoeira, como também um laboratório que serviu de base para o projeto da capoeira esporte.

Um feito marcante de Senna foi a introdução dos cursos de capoeira nos clubes sociais da Bahia, a exemplo do Baiano de Tênis e da Associação Atlética da Bahia, tidos na época como os clubes que reuniam a nata da sociedade baiana. Esse fato trouxe uma nova dimensão para a capoeiragem baiana, justamente por que a capoeira dava um salto qualitativo, resistindo aos preconceitos de uma sociedade hegemônica que considerava a prática da capoeira como uma atividade menor e até mesmo perigosa.

Mestre Senna também é o responsável pelo acolhimento da capoeira nas escolas, quando indicou um dos seus alunos mais graduados, o fita verde Milton Gesteira Diniz Gonçalves, para ministrar aulas de capoeira no Colégio Joãozinho e Maria, em 1959. Com essa iniciativa, ele abre as portas das instituições de ensino para a capoeira, mostrando, além disso, o valor dessa manifestação afro-brasileira para o processo educacional de crianças e jovens. Em seguida, um outro seu aluno, também fita verde, Fermar Lobão Alves Dias, ministrou aulas no Colégio Pernalonga, no início da década de 1970. O próprio Senna deu aula de capoeira no Colégio Militar de Salvador.

Senna gostava de escrever sobre capoeira e por esse motivo sempre estava colaborando com importantes revistas e jornais baianos. Manteve por um bom tempo a coluna ELO no *Jornal IC*, assim como criou sua própria revista, a Senavox, além de escrever dois livros. O primeiro, “**Capoeira: arte marcial brasileira**”, número 3 da coleção Caderno de Cultura, publicado em 1980 e editado pela Divisão de Folclore do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Salvador. O segundo foi “**Capoeira Percurso**”, publicado pela Senavox, em 1990, com prefácio do jornalista Virgílio de Sá.

Defensor ferrenho da capoeira esporte, Senna usou de seu prestígio político para impulsionar o projeto da Proposta de Regulamentação da Capoeira Esporte, junto à Federação Baiana de Pugilismo (FBP), à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) e posteriormente no Conselho Nacional de Desportos (CND), que sancionou a capoeira como esporte em 1972. No final do parecer, datado de 26 de julho de 1972, o General Jair Jordão Ramos, assinala ser a favor de que a capoeira seja considerada um desporto e que as providências cabíveis de regras, estatuto, regulamento e divulgação ficassem a cargo da Confederação Brasileira de Pugilismo, entidade máxima do desporto de lutas, e que fosse dada ciência ao Ministério de Educação e Cultura, CBP e SENAVOX, academia responsável pelo encaminhamento do processo.

Entre as muitas participações em eventos de capoeira, Senna esteve no 2º Congresso Brasileiro de Capoeira na Academia da Força Aérea (AFA), no Rio de Janeiro. Polêmico, porém sempre com uma postura ética que lhe era peculiar, discutindo as questões a fundo, assentada no embasamento teórico de um pesquisador com seriedade de propósitos.

Foi Diretor Especial de Capoeira da Federação Baiana de Pugilismo e sua atuação foi coroada de êxito, justamente pelo trabalho realizado, especialmente num momento delicado de implantação da capoeira esporte. À frente deste departamento, realizou competições, das quais destacamos os campeonatos baianos, torneios seletivos e a Copa Senavox de Capoeira em comemoração ao seu Jubileu de Prata.

Teve destacada atuação como técnico das equipes baianas que participaram dos campeonatos brasileiros. Nesta função, mostrou competência levando a seleção baiana a conquistar, por duas vezes, o título máximo de Campeã Brasileira de Capoeira.

Duas outras realizações do Mestre Senna merecem ser lembradas. Ele foi fundador do Instituto Brasileiro de Estudos de Capoeira (IBEC), juntamente com os companheiros capoeiristas Arára, Itapoan, Acordeon e Sacy. A outra foi o esforço em que se empenhou para realizar, ao lado de Itapoan e Dona Alice, o traslado dos restos mortais de Mestre Bimba, de Goiânia para Salvador, com o apoio da Prefeitura Municipal de Salvador.

São muitos e relevantes os serviços prestados à capoeira. Com certeza, é uma tarefa ingrata tentar enumerá-los ou mesmo tentar qualificá-los em nível de importância; isso nos parece um tanto mesquinho e insignificante. Importante mesmo é conhecer as contribuições do Mestre Senna, que foram realizadas com coração e idealismo, permanecendo vivas na memória dos capoeiristas, nos livros, artigos, fotos e documentos para a posteridade, requerendo no entanto estudos mais aprofundados sobre sua obra e sua vida em favor da capoeira.

Mestre Senna desfalcou precocemente o rol dos capoeiristas dedicados ao bom jogo, a uma boa roda de capoeira e ao ensino e à pesquisa. Seu legado não tem precedentes e cabe a cada um identificá-lo e reconhecê-lo. Como gostava de citar: *A BELICOSIDADE brasileira exercitada com arte, amor, respeito, elegância, equilíbrio mental e físico interpreta-se como Arte Marcial, e chama-se CAPOEIRA.*

---

<sup>1</sup> Comunicação pessoal, em 18 de julho de 2005.

<sup>2</sup> Ver tese de Doutorado Livre Docente “O corpo na capoeira”, UNICAMP.

<sup>3</sup> Ibid, p.7.

<sup>4</sup> Ibid, p.7.

<sup>5</sup> Hector Julio Paride Bernabó Carybé escritor e artista plástico, natural de Lanus, Argentina, e radicado na Bahia onde retratou com amor e fidelidade as tradições, crenças e costumes do povo baiano. Morreu em 1º de outubro de 1997, durante uma sessão num terreiro de camdomblé.

<sup>6</sup> Wilson Lins, baiano, escritor, jornalista, romancista, membro da Academia de Letras da Bahia, amigo de mestre Pastinha e apreciador da Capoeira Angola.

<sup>7</sup> In: ALMEIDA, Ubirajara Guimarães. Água de beber câmara!: um bate-papo de capoeira. Salvador: EGBA, 1999.